REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

A METÁFORA COMO ESTILO FILOSÓFICO EM NIETZSCHE: IMPLICAÇÕES PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Ana Maria Pereira Fonseca
Mestranda em Educação pela Facultad Interamerica de Ciências Sociales -FICS. Professora na rede pública do estado do Pará-SEDUC e na rede municipal do município de Cametá-Pará/ SEMED.
https://orcid.org/0009-0002-1160-0135
E-mail: anamaria.pereirafonseca@yahoo.com.br

Mílvio da Silva Ribeiro
Doutor em Geografia. Professor e Orientador - Faculdade de Ciências Sociais Interamericana – FICS.
https://orcid.org/0000-0002-1118-7152
http://lattes.cnpq.br/9542173320344070
E-mail: milvio.geo@gmail.com

DOI-Geral: http://dx.doi.org/10.47538/RA-2024.V3N2
DOI-Individual: http://dx.doi.org/10.47538/RA-2024.V3N2-21

RESUMO: Este estudo investiga a metáfora como estilo filosófico no pensamento de Nietzsche, com ênfase nos sentidos presentes no prólogo de *Assim Falou Zaratustra* e suas contribuições aos estudos da linguagem e à formação em Letras. Realizada por meio de pesquisa bibliográfica exploratória, a análise articula obras do filósofo e de comentadores como Deleuze, Machado e Mosé. Evidencia-se que, ao integrar filosofia e literatura, Nietzsche utiliza a metáfora como recurso central para criar valores, questionar verdades estabelecidas e expressar conceitos complexos. Os resultados apontam que o estilo metafórico nietzschiano amplia as possibilidades interpretativas, favorece a reflexão crítica e criativa e constitui um instrumento epistemológico relevante para compreender a linguagem como experiência estética, formativa e transformadora.

PALAVRAS-CHAVE: Metáforas. Linguagem filosófica. Nietzsche. Zaratustra. Letras.

METAPHOR AS A PHILOSOPHICAL STYLE IN NIETZSCHE: IMPLICATIONS FOR LANGUAGE STUDIES

ABSTRACT: This study investigates metaphor as a philosophical style in Nietzsche's thought, focusing on the meanings found in the prologue of Thus Spoke Zarathustra and its contributions to language studies and teacher education in Literature. Conducted through exploratory bibliographic research, the analysis articulates the philosopher's works and those of commentators such as Deleuze, Machado, and Mosé. The findings reveal that, by integrating philosophy and literature, Nietzsche employs metaphor as a central resource to create new values, challenge established truths and convey complex concepts. Results indicate that Nietzsche's metaphorical style expands interpretive possibilities, fosters critical and creative thinking, and serves as a relevant epistemological tool for understanding language as an aesthetic, formative, and transformative experience.

KEYWORDS: Metaphors. Philosophical language. Nietzsche. Zarathustra. Literature.

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

INTRODUÇÃO

A linguagem, enquanto veículo de expressão do pensamento humano, desempenha um papel fundamental na formação de ideias e na construção do conhecimento, não apenas em sua função comunicativa, mas, principalmente, em sua função reflexiva sobre o ser e o mundo. Nesse contexto, a linguagem filosófica adquire uma dimensão peculiar, pois transcende a simples comunicação, alcançando um nível de expressão que ultrapassa o literal. Um dos recursos mais intrigantes e enigmáticos dentro desse universo linguístico é o uso de metáforas. Ao analisar as metáforas, a pesquisa não se (con)centra em uma linha assertiva de investigação, propondo-se a responder a um objeto específico, mas, como sugere Nietzsche, a metáfora se apresenta como uma perspectiva transdisciplinar que permite ao pesquisador e, consequentemente, ao leitor, flutuar por diversos campos do conhecimento.

A análise das metáforas no pensamento de Friedrich Nietzsche, considerado um filósofo que revolucionou o pensamento filosófico em diversas épocas, transita por meio de uma escrita singular que constantemente buscava romper com os dogmas metafísicos e com a tradição filosófica ocidental. Na visão de Mosé (2018, p. 16), "O projeto crítico de Nietzsche trabalha a relação crítica/afirmação, linguagem e transvaloração, mostrando a fundamentação metafísica da linguagem, a vontade de negação, presente na relação que o ser humano estabeleceu com os signos". Essa perspectiva crítica de Nietzsche é fundamental para entender sua abordagem da linguagem, que não se limita a uma mera representação da realidade, mas é uma força ativa que molda e redefine a compreensão do mundo.

Segundo Deleuze (1965), Nietzsche via a crise ou ruptura na filosofia como uma preferência pela inspiração, uma revelação de ideias inovadoras, já que Nietzsche era um filólogo proficiente na linguagem. Nesse contexto, a linguagem ocupa um lugar central em suas obras. Como ressaltado por Rivera (2004, p. 7), "o tema da linguagem perpassa de maneira notável e peculiar a obra de Nietzsche", pois a questão da linguagem e de seu poder está presente em toda a sua crítica à história da filosofia ocidental. Essa constante preocupação com a linguagem reflete a busca de Nietzsche por uma linguagem que não se limite ao convencional, mas que seja capaz de expressar a complexidade da experiência humana e das ideias filosóficas que ele desejava transmitir.

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

Para Nietzsche, a linguagem não está ligada à verdade, à metafísica ou a qualquer outra forma de cosmologia pensada e criada pela filosofia ocidental. Ele acreditava que essas concepções metafísicas são formas de negação da linguagem. Em sua visão, toda teoria criada pela filosofia para conceituar a linguagem caracteriza-se como um "não-falar", ou seja, uma impossibilidade de afirmar qualquer coisa sobre a linguagem. Nesse sentido, Araújo (2007, p. 88) observa que "em Nietzsche a linguagem surge de modo disperso e enigmático, no qual a pergunta sobre quem fala tem como resposta: é a própria linguagem, a significação não é obra de um sujeito". Isso revela a concepção nietzschiana de que a linguagem é um organismo vivo, que não pode ser coisificada ou reduzida a um instrumento utilizado por um sujeito qualquer. A linguagem, em Nietzsche, mantém-se em uma condição enigmática e indecifrável, e ao homem resta apenas aceitá-la como um enigma.

Dessa forma, a interrogação sobre o que é a linguagem nunca poderá ser respondida por meio da adoção de uma teoria rígida, mas deve ser vista como uma palavra enigma. Essa abordagem implica que, para Nietzsche, a linguagem é um fim em si mesma. Sua essência é enigmática, e qualquer teoria metafísica desenvolvida pelo homem "não pode representar a essência dos objetos" (Bittencourt, 2005, p. 252), mas apenas realiza comentários sobre a linguagem. Para ele, em hipótese alguma a linguagem fala algo sobre a essência dos objetos; ela é, antes, a própria manifestação do pensamento humano.

Diante dessas questões, este trabalho busca contribuir para o avanço das pesquisas no campo da filosofia da linguagem, transcendendo os limites da filosofia e abrangendo o campo mais amplo das linguagens. Nesse sentido, o problema de pesquisa que se propõe é: Como operam as metáforas na filosofia de Nietzsche a partir do prólogo de *Assim Falou Zaratustra*, e quais as contribuições desse modo de filosofar para os estudos da linguagem e a formação em Letras? Para orientar a realização desta pesquisa, o objetivo geral é realizar uma abordagem sobre o estilo metafórico na filosofia de Nietzsche, especialmente os sentidos das metáforas presentes no prólogo da obra *Assim Falou Zaratustra*, buscando contribuições desse pensamento filosófico para os estudos filosóficos da linguagem e a formação em Letras.

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

Os objetivos específicos incluem: a) analisar os sentidos das metáforas no prólogo da obra *Assim Falou Zaratustra*, identificando os principais temas e conceitos filosóficos expressos por meio desse recurso literário; b) destacar o estilo metafórico da filosofia de Nietzsche, examinando sua singularidade no contexto do pensamento filosófico de sua época; e c) reconhecer as possíveis implicações e contribuições do estilo metafórico nietzschiano para a construção dos estudos filosóficos da linguagem e para a formação em Letras, explorando a relação entre a filosofia, a literatura e a linguagem.

Entre as muitas obras de Nietzsche, *Assim Falou Zaratustra* foi escolhida por sua busca em romper com a estaticidade em diversos meios, incluindo a linguagem. Na terceira passagem da obra, Nietzsche afirma: “De tudo escrito, amo apenas o que se escreve com o próprio sangue”. Com isso, ele rompe com dogmas tidos como imutáveis, provocando seus leitores por meio de recursos linguísticos e filosóficos diversos. Dessa maneira, este trabalho de pesquisa busca alcançar os sentidos das metáforas presentes no texto, analisando como esses recursos se descrevem, sua relação entre si e a sistematização dos sentidos encontrados.

METODOLOGIA

O estudo configura-se como uma pesquisa bibliográfica de cunho teóricofilosófico, de abordagem qualitativa. A pesquisa bibliográfica, de acordo com Gil (2008, p. 50), “é desenvolvida base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Dessa forma, ao conduzir uma pesquisa bibliográfica, o pesquisador compromete-se a explorar os escritos relacionados ao seu objeto de interesse, engajandose na leitura, releitura, análise e subsequente interpretação desses materiais já existentes. Esse processo envolve a organização e categorização de livros, documentos mimeografados ou fotocopiados, periódicos, imagens, manuscritos, mapas, e outros recursos pertinentes.

Para esta análise utiliza-se os escritos de Nietzsche, em “Assim falou Zaratustra”, no qual busca-se compreender os sentidos metafóricos presentes no prólogo, identificando os principais temas e conceitos filosóficos que são expressos por meio desse recurso literário, percebendo as contribuições desse estudo para a construção da

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

linguagem filosófica dos estudos da linguagem nos campos das letras. Nesta direção, destaca-se que ao realizar trabalho bibliográficos sobre a égide dos estudos teóricos-filosóficos, o pesquisador formula hipóteses, examina e analisa fatos existentes, sintetizando as evidências dentro de um modelo teórico pré-estabelecido. Isto evidencia a característica crítico investigativa do estudo, marca da pesquisa filosófica.

De modo geral, o método filosófico de pesquisa segue essencialmente os mesmos passos que outros métodos para resolver problemas científicos, utilizando fatos científicos como base para a formulação e teste de hipóteses de pesquisa. Seu diferencial, de acordo com Marcondes (2000) está no fato de que esta corrente se constitui essencialmente não como sistema filosófico que busca responder aos problemas tradicionais da filosofia - o problema do ser (a ontologia), o problema do conhecimento (Epistemologia), o problema do Bem (Ética); mas, segundo uma perspectiva, como tentativa de refletir sobre questões específicas através de uma interrogação da linguagem tal qual é usada. A linguagem é então, como uma lança de Telephus, a origem e a solução do problema (Marcondes, 2000, p. 16).

A abordagem filosófica em questão difere das tradicionais, que se concentram em questões fundamentais como a natureza do ser, a origem do conhecimento e a natureza do bem. Em vez disso, ela concebe a linguagem como uma ferramenta essencial para abordar questões filosóficas específicas, sendo tanto fonte quanto solução para esses problemas. A análise da linguagem em uso é vista como pressuposto para entender questões específicas, afastando-se de uma abordagem dogmática. Conforme Marcondes (2000, p. 16), a linguagem "fornece elementos concretos intersubjetivos através dos quais a investigação procede mantendo-se aberta à compreensão de todos os falantes". Isso sugere que, ao considerar a linguagem como ponto de partida, a investigação permanece inclusiva e receptiva às diversas perspectivas sobre o que torna algo problemático e como lidamos com esses problemas.

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

AS METÁFORAS E SEUS SENTIDOS: UMA RELEITURA DO PROLÓGO DE "ASSIM FALOU ZARATUSTRA"

No campo literário-filosófico, o duo Nietzsche-metáforas é amplamente falado e discutido. Isto é, não há como se pensar ou conceber a verdade Nietzschiana sem o aprofundamento nas metáforas por meio das quais escreve a verdade sobre a vida, a linguagem e sobre os sentidos do ser. Desse modo, interessa saber o que são e como as metáforas se constituem etimologicamente, para em seguida, compreender os usos que delas se faz o autor. Assim, define-se que do ponto de vista conceitual, a palavra metáfora tem sua origem no grego, significando "transferência, transporte para outro lugar". Esse transporte, embora remetido a ideia de lugar, não necessariamente ocorre do físico para o físico, concebendo a material palpável, ao contrário, a ideia de transferência proposta às metáforas ultrapassando o pragmatismo da linguagem, situa-se na interlocução entre o mundo físico e o mundo dos sentidos.

Pelas características apresentadas, durante muitos séculos, a metáfora foi considerada exclusivamente uma figura de linguagem destinada a embelezar textos com expressões e sentidos. Essa concepção, inicialmente defendida por Aristóteles, via a metáfora como um recurso linguístico de caráter poético ou retórico, utilizado para ornamentação e manipulação de sentidos nos leitores (Oliveira, 2011). Por esta razão, a metáfora era retratada como linguagem figurada, associada à imaginação e em contraste com a linguagem das verdades filosóficas e científicas, a linguagem literal (Almeida, 2005). Nessa perspectiva, a associação a imaginação anulava o teor científico da escrita por/com metáforas, mais propensa à subjetividade e à expressão artística, ao passo que a linguagem literal é vista como objetiva e vinculada à busca da verdade.

Em Nietzsche, as metáforas constituem-se enquanto um desencadeamento lógico de ideias e assunções por meio das quais, o autor reflete diretamente sobre infidas questões, burlando a antiga distinção entre filosofia e literatura, fundamentada na diferenciação entre o verossímil e o verdadeiro, ao denunciar a natureza metafórica da verdade. Para ele, a metáfora, representa um tratamento radical da questão. Nietzsche

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tomaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas (Nietzsche, 1999, p. 57).

Nietzsche aborda a metáfora como algo intrínseco à linguagem, afirmando que "toda palavra é uma metáfora", originada de um impulso nervoso e transformada em imagem (Nietzsche, 1999, p. 55). Para ele, a linguagem é essencialmente metafórica e não há fronteiras entre as palavras e as imagens que elas evocam. Ele propõe que, quando falamos sobre as coisas, como árvores ou flores, estamos, na verdade, lidando com metáforas dessas coisas, que "de nenhum modo correspondem às entidades de origem" (Nietzsche, 1999, p. 56). Além disso, Nietzsche distingue entre metáforas intuitivas, que refletem impressões individuais, e resíduos de metáforas, que são abstrações transformadas em conceitos, originadas de metáforas intuitivas (Nietzsche, 1999, p. 57).

No prólogo de "Assim Falou Zaratustra", Friedrich Nietzsche escreve por metáforas interconectadas que desempenham um papel crucial na exposição de suas ideias. Essas metáforas, entrelaçadas no prólogo, contribuem para a complexidade e profundidade da obra, refletindo as ideias filosóficas de Nietzsche sobre a busca do conhecimento, a transformação pessoal e a interação entre a sabedoria individual, comunidade humana, dentre outras questões. Segundo Mosé (2018),

> Não somente através de recursos poéticos e literários, como o aforismo, a paródia, mas em seus conceitos-bomba, como vontade de potência e eterno retorno, Nietzsche estabeleceu sua escritura. O que os conceitos nietzscheanos afirmam, em última instância, é uma única e mesma coisa: o caráter ficcional e estético de todo conceito (Mosé, 2018, p. 10).

Posto isto, a essência dos conceitos nietzscheanos, converge para a afirmação do caráter ficcional e estético de todo conceito. Isso sugere que, para Nietzsche, a filosofia não se limita a uma busca pela verdade objetiva, mas também incorpora elementos estéticos e fictícios, desafiando as noções tradicionais de verdade e objetividade. Essa perspectiva reforça a ideia de que a interpretação e a construção de significados são

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

influenciadas por fatores subjetivos e estéticos, proporcionando uma visão única e provocativa sobre a natureza da filosofia e do conhecimento humano.

a) Superação

O início do prólogo revela elementos importantes do ensinamento de Zaratustra sobre a superação. Inicia-se com uma narrativa que remonta ao passado:

Quando Zaratustra tinha trinta anos de idade, deixou sua terra natal e o lago da sua terra natal e foi para a montanha. Lá gozou, durante dez anos, de seu próprio espírito e da solidão, sem deles se cansar.

No prólogo de *Assim Falou Zaratustra*, Nietzsche descreve Zaratustra, que após dez anos de solidão, decide retornar aos homens para compartilhar a sabedoria que acumulou. Ele compara sua situação com a do sol, que só faz sentido ao iluminar outros, e expressa o desejo de ter seu próprio ocaso. Essa decisão marca uma transformação em Zaratustra, que, antes desiludido, agora se vê como alguém enriquecido pela sabedoria e disposto a transmiti-la. No entanto, surge a dúvida: por que retornar aos homens, a fonte de sua antiga desilusão? Uma possível resposta é que, assim como o sol, Zaratustra sente que sua sabedoria só faz sentido quando compartilhada. Contudo, ele ainda não compreende completamente que sua plenitude deve ser vivida na interação com os outros, para que a verdadeira superação aconteça.

b) Morte de Deus

No decorrer da descida da montanha, Zaratustra encontra um ancião na floresta, um eremita que testemunhara sua ascensão dez anos antes. O idoso percebe uma transformação em Zaratustra, alegando que ele despertou de seu sono e retornou à infância. Contudo, questiona: “O que Zaratustra pretende fazer junto àqueles que dormem?” Em resposta, Zaratustra declara que ama os homens. O eremita sugere que ele reserve seu amor para Deus, não para os humanos, considerados demasiadamente imperfeitos para serem amados.

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

No final do evento, Zaratustra revela um dos principais aprendizados/ensinamentos de sua jornada, declarando que "Deus está morto": "Será possível que este velho santo na solidão da floresta não ouviu falar que Deus está morto!" Este é um dos ensinamentos que Zaratustra precisa comunicar aos homens como parte de sua missão essencial, a de superar-se para tornar-se aquilo que foi chamado a ser.

Para compreendermos a magnitude desse ensinamento em "Assim Falou Zaratustra", é necessário primeiro uma explanação geral sobre o tema. O conceito da "morte de Deus" não é exclusivo de Nietzsche; já era difundido no ambiente alemão, tanto entre os poetas românticos quanto na filosofia do idealismo. Heinrich Heine, por exemplo, reflete sobre o significado simbólico desse evento em seu escrito de 1834, influenciado pela crítica de Kant à teologia racional. Heine considera a morte de Deus como uma notícia triste que talvez necessite de séculos para se disseminar universalmente.

A crise gerada pelo criticismo kantiano levou a um ceticismo sobre a verdade, afetando pensadores como Kleist e influenciando figuras como Goethe, Schopenhauer e Marx. Kant, ao limitar o conhecimento, afirmou a impossibilidade de conhecer a existência ou inexistência de Deus. Em Hegel, a frase "Deus mesmo morreu" tem um sentido diferente do de Nietzsche, já que Hegel tenta ressuscitar Deus em seus sistemas filosóficos. Para Nietzsche, a morte de Deus significa que Ele não possui mais função, contrastando com o conceito de Deus nos outros filósofos, que ainda tentam atribuir-lhe um papel. A afirmação de Nietzsche, "Deus está morto", vai além da crítica religiosa e ateísta, atacando qualquer pensamento que busque estabelecer valores universais, verdades últimas ou um propósito. Com a morte de Deus, os ideais que sustentavam a ordem metafísica, epistemológica e moral do mundo perdem seu sentido, transformando-se em ilusões. O ensinamento de Zaratustra reflete essa visão, propondo um conhecimento sem autoridade externa ou valores absolutos, sem aspirações a verdades universais ou unidade moral.

O que a genealogia nietzscheana aponta, antes de tudo, é para a necessidade de formularmos novas questões: que relação a cultura estabelece com a vida? Os valores humanos, aquilo que cada povo tem em alta conta, afirmam ou negam a vida? São estas as questões que devem ser colocadas. Desautorizar a negação do tempo, do corpo, da

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

vida, em outras palavras, trabalhar pela transvaloração dos valores é a grande e única política (Mosé, 2018, p. 15).

Nietzsche questiona se os valores humanos, exaltados por diferentes culturas, afirmam ou negam a vida. Ele propõe que a análise dos valores culturais deve focar em seu impacto na vida, promovendo ou negando sua afirmação. O autor defende a importância de desautorizar a negação do tempo, do corpo e da vida, sugerindo a transvaloração dos valores como uma reavaliação radical. Esse processo visa uma mudança cultural que valorize a vida em sua plenitude. A genealogia nietzscheana, portanto, provoca uma reflexão crítica sobre os valores culturais e sua relação com a vida, sendo a transvaloração a única política capaz de gerar uma mudança significativa.

c) Além-do-homem / Último-homem

Na seção III do prólogo, ao chegar à praça do mercado e encontrar o povo reunido para assistir ao número de um funâmbulo, Zaratustra proclama: “Eu vos ensino o além-do-homem. O homem é algo que deve ser superado. O que têm feito vocês para superá-lo?”

A passagem destaca a importância da superação na ação dramática de Zaratustra e na formação do conceito de além-do-homem. Ao anunciar a necessidade de superar o homem por meio do além-do-homem, Zaratustra revela que o além-do-homem é, essencialmente, a própria superação. A superação é o princípio da constituição do além-do-homem, e este é a efetivação dessa superação. Zaratustra instiga os reunidos a permanecerem fiéis à Terra e desejarem o além-do-homem, desafiando-os a superar o sono dogmático e a realizar a transvaloração dos valores. Embora o conceito de além-do-homem sugira uma ideia teleológica, ele não deve ser interpretado como um ideal a ser alcançado, pois Nietzsche, ao introduzir a “morte de Deus”, encerra qualquer ideal. O conceito adquire significado como uma radicalização da tradição metafísica. Ao referir-se ao homem como uma corda entre o animal e o além-do-homem, Nietzsche enfatiza a possibilidade histórica da evolução humana, a dualidade do niilismo e a condição ambígua da promessa e do perigo.

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

O homem é uma corda estendida entre o animal e o além-do-homem – uma corda sobre o abismo.

É o perigo de transpô-lo, o perigo de estar a caminho, o perigo de olhar para trás, o perigo de tremer e parar.

O que é grande, no homem, é ser ponte, não uma finalidade (Zweck), o que pode amar-se, no homem, é ser uma transição e um ocaso.

> (...) Eu amo aquele que prodigaliza a sua alma, não quer que lhe agradeçam e nada devolve: pois é sempre dadivoso e não quer se conservar (bewahren). (...) Amo aquele que justifica os seres futuros e redime os passados: porque quer perecer dos presentes (Prólogo, § 4).

Zaratustra, em suas passagens, proclama que ama aquele cuja alma é generosa, que não busca gratidão nem recompensas, pois ele sempre se esbanja sem se preservar. Para Zaratustra, buscar preservação é um sinal de fragilidade, e por isso deve ser rejeitado. O conceito de além-do-homem em Zaratustra se opõe ao tipo do último-homem, que busca o conforto das trivialidades da vida. O último-homem é o ser humano moderno, que se apega à cultura e à técnica, acreditando que pode conquistar a felicidade por meio da planificação humana, mas relutando em transcender. Em Zaratustra, Nietzsche descreve o último-homem como um símbolo da humanidade decadente e insensível às lições do além-do-homem.

Costa (2011) adentra no movimento nietzschiano da desertificação do último homem:

> A Terra, desertificada e seca, por falta de cultivo, acaba perecendo frente à busca desesperada do sujeito por um éden que sempre tarda acontecer. Desse adiamento do sentido da existência, uma triste constatação: “Sou doente e fraco. Impotente. Em suma: sou como não devia e não podia ser” (Fogel, 2003, p. 68).
>
> Hei-lo, pois, diante da incapacidade de gozar a vida em suas mais prósperas estações66. Doentes e fracos, “os homens lêem os rasgos do espírito como se fossem sinais de experiência da vida, isto é, testemunhos de que se há vivido muito mal vivido, de que se há sofrido, de que se há enganado e de que se há tido arrependimento” (Nietzsche, 1939, p. 208; Costa, 2011, p. 5)

Segundo Heidegger, o “além-do-homem” em Nietzsche designa o ser humano que transcende o presente, não como algo fora da humanidade, mas como a transcendência de si mesmo, elevando-se além de suas limitações e definindo-se como condutor do sentido histórico. Esse conceito não deve ser visto como uma realização teleológica, mas como

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

um “ideal contingente”, um esforço contínuo de superação, sem alcançar estabilidade. O “além-do-homem” adquire significado dentro do niilismo, representando uma constante intensificação e júbilo, especialmente ao vivenciar o eterno retorno, o que permite redimir o tempo e afirmar o presente. A superação implica aceitar a vida tal como é alcançada ao atravessar a experiência do eterno retorno.

Zaratustra, ao tentar comunicar seu ensinamento, é ridicularizado e percebe que os homens, orgulhosos de sua “cultura” (Bildung), não estão prontos para ouvir. Ele aprende a lição de que precisa ser mais cauteloso ao se aproximar deles. Após ser interrompido, ele não falará mais ao povo até o fim do prólogo. Seu único companheiro humano é o corpo do equilibrista derrubado, e o bufão o aconselha a deixar a cidade, pois os homens não estão preparados. Antes de terminar o prólogo, Zaratustra tem uma visão da vontade de potência, que promete abordar com seus companheiros, indicando a exclusividade de seu ensinamento.

Longamente dormiu Zaratustra, e não somente a aurora passou sobre o seu rosto, mas também a manhã toda. Finalmente, seus olhos se abriram: admirado, olhou Zaratustra a floresta e o silêncio e, admirado, olhou a si mesmo. Levantou-se, então, depressa, como um navegador que vê repentinamente terra, e exultou: porque viu uma nova verdade. E assim, então, falou ao seu coração:

“Uma luz raiou em mim: de companheiros, eu preciso, e vivos – não de companheiros mortos e cadáveres, que levo onde quero.

Preciso, sim, de companheiros vivos, que me sigam porque querem seguir a si mesmos – e para onde eu queira.

Uma luz raiou em mim: não à multidão fala Zaratustra, mas a companheiros! Não deve Zaratustra tornar-se pastor e cão de um rebanho! (...)” (Prólogo, § 9).

Zaratustra deseja atrair aqueles que compartilham o impulso criativo, não seguidores ou rebanho, mas companheiros que, como ele, forjam novos valores e se auto-superam. Ele é consciente de que os criadores de novos valores são frequentemente rotulados como destruidores, quando, na realidade, são semeadores de novas sementes. No entanto, ainda não sabe como encontrar companheiros que o compreendam. Zaratustra se posiciona como um criador de valores, não como fundador de uma religião,

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

desmascarando a falsidade dessa pregação. No final do prólogo, ele se encontra sob a luz do meio-dia, contemplando seus animais, símbolos do eterno retorno: a águia e a serpente, formando o círculo dos círculos.

Cravar e arrancar – simultaneamente, os dois lados de um martelo. Certamente, esse é um movimento que requer leveza (do corpo e do espírito), assim como transmutação alegre do peso e da dor; pois não teremos conquistado o direito à criação-alegre, enquanto vivermos à sombra da atribuição de valores estabelecidos, enquanto não abdicarmos de uma "vontade que quer o nada" em favor de uma vontade que quer criar. E nisso, Zaratustra é certamente leve, pois como "dançarino-destruidor" ele é puro desprendimento. E aí dos fracos que porventura cruzem o seu caminho. A esses, Zaratustra não se cansa de rogar: "Que a minha jornada seja a sua ruína!" (ZA "Prólogo" § 9) (Costa, 2011, p. 7)

A passagem analisa o simbolismo do gesto de "cravar e arrancar" com um martelo, destacando que ele carrega significados filosóficos e existenciais. A leveza e transmutação alegre do peso e da dor sugerem uma transformação interior necessária para alcançar a "criação-alegre", que implica transcender os valores estabelecidos e a vontade destrutiva em favor de uma vontade criadora que afirma a vida. Zaratustra é descrito como um "dançarino-destruidor", simbolizando liberdade e desapego. No entanto, o autor alerta para os perigos dessa jornada para os fracos, indicando que a busca pela criação pode levar à ruína daqueles que não estão preparados. A passagem encapsula a complexidade da filosofia nietzscheana, que envolve a superação de valores e os desafios dessa busca.

CONTRIBUIÇÕES DO ESTILO METAFÓRICO DE NIETZSCHE AOS ESTUDOS DA LINGUAGEM NA FORMAÇÃO EM LETRAS

Nietzsche utiliza diversos gêneros em sua escrita, como narrativa e poesia, que estão carregados de imagens e metáforas. Gilles Deleuze observa que Nietzsche integra aforismos e poesia à filosofia, criando uma concepção filosófica e uma imagem renovada do pensador e do pensamento. Os leitores de Nietzsche estão acostumados com suas narrativas curtas, que desvelam conceitos, além de microfábulas e mitos. Muitas vezes, essas narrativas se entrelaçam com aforismos, como o aforismo 125 de *A Gaia Ciência*,

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

onde a personagem do homem louco proclama a morte de Deus, sendo um exemplo de trecho narrativo.

> [...]Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu um a lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: 'Procuro Deus!'? — E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? — gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. 'Para onde foi Deus?', gritou ele, 'já lhes direi! Nós o matamos — vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda 'em cima' e 'embaixo'? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? — [...] (Nietzsche, 2001, p. 148).

A escrita de Nietzsche é caracterizada pelo uso de metáforas e falas das personagens, que tornam sua obra facilmente classificada no gênero narrativo. Deleuze destaca Nietzsche como criador de personagens, mencionando figuras como a águia, a serpente, Zaratustra, e outras como centauro, esfinge e deuses. A obra apresenta uma vasta gama de personagens, tanto animais quanto humanos, incluindo figuras mitológicas, sociais e espirituais, além de tipos especiais como "homens-promessa" e "homens-transição".

Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche cria uma obra estilisticamente refinada, descrita como um "drama narrativo" por Roberto Machado, onde a poesia é essencial na construção da narrativa. A obra mistura elementos de terror e leveza, com imagens poderosas da natureza, culminando como o auge estético da escrita nietzschiana. Em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, Nietzsche inicia sua jornada como criador de metáforas, e em *Zaratustra*, ele consolida esse processo, fundindo poesia e filosofia, com aforismos que combinam linguagem poética e narrativa.

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

É noite: falam mais alto, agora, todas as fontes borbulhantes. E também a minha alma é uma fonte borbulhante.

É noite: somente agora despertam todos os cantos dos que amam. E também a minha alma é o canto de alguém que ama.

Há qualquer coisa insaciada, insaciável, em mim; e quer erguer a voz. Um anseio de amor, há em mim, que fala a própria linguagem do amor.

Eu sou luz; ah, fosse eu noite! Mas esta é a minha solidão: que estou circundado de luz (Nietzsche, 1989, p. 118) .

Conforme anteriormente indicado, as metáforas assumem um papel crucial na escrita do filósofo, e nesse contexto, contam com a cumplicidade do leitor. Afinal, como poderá o leitor se envolver nesse desdobramento experimental da filosofia, no qual poesia e metáfora colaboram para exercer a crítica? A seguir, explore-se de maneira crítica a escrita que aborda o Estado, apresentado como um monstro e novo ídolo:

'Nada há na terra maior do que eu; eu sou o dedo ordenador de Deus' – assim urra o monstro. E não somente aqueles de orelhas compridas e vista curta se põem de joelhos!

Ah, também a vós, ó grandes almas, ele cochicha suas torvas mentiras! Ah, como adivinha os corações ricos, que gostam de prodigalizar seus tesouros! Sim, também a vós ele adivinha, ó vencedores do velho Deus! Ficastes cansados na luta e, agora, o vosso cansaço ainda serve o novo ídolo! De heróis e homens honrados, desejaria rodear-se o novo ídolo! Como gosta de aquecer-se, o frio monstro, ao sol das consciências tranquilas! (Nietzsche, 1989, p. 65-66).

Este trecho revela um texto com características de filosofia política, apresentando intertextualidade com os monstros mitológicos de Hobbes, como o Leviatã e o Behemoth, analisados por José M. González García em *Metáforas del poder en la filosofía política* (González García, 1994). A metáfora, assim, se conecta de forma crítica com o poema e a filosofia, ampliando a abordagem do aforismo e do perspectivismo, que se caracteriza pela multiplicidade de interpretações simultâneas. *Assim falou Zaratustra* utiliza essa técnica ao criar momentos poéticos carregados de lirismo.

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

Quando ontem surgiu a lua, imaginei que quisesse dar à luz um sol: tão grande e pejada estaba no horizonte.

Mas era mentira, a sua gravidez, e ainda prefiro acreditar que a lua tem mais de homem que de mulher.

Sem dúvida, pouco homem também, é ese tímido noctâmbulo! Em verdade, anda pelos telhados com a consciencia pesada.

Porque é lascivo e ciumento, o monge na lua, cobiçoso da terra e de todas as alegrías dos amantes.

Não, não gosto desse gato dos telhados! Repugnam-me todos os que rondam, sorrateiros, as janelas semicerradas!

Devoto e calado, caminha sobre tapetes de estrelas; mas eu não gosto de pés de homens que pisam de leve, nos quais não se ouve, tampouco, o tinir de uma espora.

Todo o passo honesto fala; o gato, porém esgueira-se deslizando sobre o solo. Olhai: como um gato, vem a lua, e desnonesta.

A metáfora que compara a lua a um gato oferece uma sonoridade agradável, mas, ao associar a lua ao homem que anseia pela Terra, destacando sua natureza astuta e desonesta, Nietzsche provoca uma nova perspectiva. Ele instiga a dissonância, levando a reflexões sobre a lealdade à terra e ao corpo, temas recorrentes em sua obra. O texto revela os poderes de síntese entre aforismo, ensaio e poesia. Sem pretender conclusões definitivas, as passagens destacam o espírito inventivo de Nietzsche, que cria uma escrita híbrida, combinando aforismos, ensaios, narrativas e poesia. A leitura perspectivista, sugerida por Costa (2011), desdobra-se a partir das interações entre a filosofia e a literatura.

Daí que Zaratustra é pura afirmação; uma dança, uma música, um canto à vida, uma figura da alegria, da inocência, do devir. Zaratustra é o inspirador de uma leveza que se desprende de todo ocaso, pessimismo ou salvação – ele é força que libera e não liberdade que liberta. Zaratustra é também isto: jogo (Aión) – um acontecimento, sempre, sem um antes e um depois, começo absoluto regido por simples obra do acaso – onde "cada partida é um começar-denovo e cada começar-de-novo é, por si mesmo, inocente"

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

(Azeredo, 2003, p. 86). Zaratustra é aquele que jamais teme a criação e a destruição, uma vez que toda criação é em si criaçãoalegre, do mesmo modo que toda destruição é em si destruição-alegre. “Submeter o verdadeiro à prova do baixo, mas também submeter o falso à prova do alto é a tarefa realmente crítica e o único meio de reconhecer-se na ‘verdade’” (Deleuze, 1976, p. 87; Costa, 2011, p. 7).

Assim, percebe-se que a figura de Zaratustra, o protagonista do livro “Assim Falou Zaratustra” de Friedrich Nietzsche é retratado como um símbolo da afirmação da vida, da alegria e do devir, por apresentar-se como alguém que dança, canta e celebra a vida, representando uma postura de aceitação e superação das adversidades. Zaratustra é uma figura que não se deixa dominar pelo pessimismo ou pela busca de salvação, mas sim uma força que liberta e encoraja a viver plenamente. Ele é associado ao jogo, ao acaso e à criação constante, representando um eterno recomeço e uma inocência inerente a cada nova partida. Além disso, a citação parece fazer referência à ideia de Nietzsche sobre a vontade de poder, sugerindo que a verdade deve ser submetida ao teste tanto do “baixo” quanto do “alto”, indicando um processo crítico e desafiador de avaliação das crenças e valores. Em tudo isto, interpretação nietzschiana é de um Zaratustra símbolo da vontade de viver, da afirmação da existência e da constante busca pelo aprimoramento e pela superação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão central que orientou esta pesquisa, como operam as metáforas na filosofia de Nietzsche, a partir do prólogo de Assim Falou Zaratustra, e quais suas contribuições para os estudos da linguagem e para a formação em Letras, encontrou resposta ao longo da análise desenvolvida. O objetivo geral de abordar o estilo metafórico nietzschiano e compreender seus sentidos, relacionando-os ao campo da filosofia da linguagem e à formação acadêmica, foi atendido mediante a investigação de passagens-chave da obra, articuladas a interpretações de comentadores como Deleuze, Mosé e Machado.

O texto mostrou que, para Nietzsche, a metáfora transcende a função ornamental para se constituir como dispositivo epistemológico e ontológico, capaz de criar novos

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

valores, tensionar conceitos cristalizados e articular filosofia e literatura em um discurso híbrido. No prólogo de Zaratustra, imagens como a descida da montanha, a morte de Deus, o além-do-homem e o eterno retorno condensam, em forma poética e simbólica, críticas profundas à moral tradicional e convites à transvaloração dos valores. Essas metáforas, ao mesmo tempo, dialogam com a experiência estética do leitor, mobilizando-o a uma leitura ativa e interpretativamente exigente.

Entretanto, algumas limitações são reconhecidas. O recorte do estudo concentrou-se no prólogo, sem abranger as demais partes da obra, o que restringe a compreensão da progressão narrativa e filosófica do texto. Além disso, a pesquisa se manteve em perspectiva teórico-bibliográfica, não explorando empiricamente, por exemplo, como leitores ou estudantes de Letras interpretam e se apropriam das metáforas nietzschianas em contextos formativos.

A escolha por este recorte e abordagem se justifica pela necessidade de realizar uma análise aprofundada de um segmento particularmente denso e representativo da obra, garantindo profundidade interpretativa e coerência metodológica. Ao privilegiar o prólogo, foi possível evidenciar, com clareza, a função estruturante da metáfora no pensamento de Nietzsche e suas implicações para os estudos da linguagem.

Como desdobramentos futuros, vislumbra-se a possibilidade de ampliar a análise para todo o corpus de Assim Falou Zaratustra, ou mesmo para outras obras do filósofo, investigando a recorrência e a evolução de seus recursos metafóricos. Pesquisas comparativas com outros pensadores que também utilizam fortemente a metáfora, como Kierkegaard, Heidegger ou Derrida, podem enriquecer o debate sobre estilos filosóficos e a relação entre forma e conteúdo. Além disso, estudos empíricos poderiam examinar a recepção do estilo metafórico nietzschiano em práticas pedagógicas, explorando seu potencial para estimular leitura crítica e criatividade em cursos de Letras e Filosofia.

Finalmente, pensamos que este trabalho reafirma que as metáforas nietzschianas, longe de serem meros adornos linguísticos, são constitutivas de seu modo de filosofar e configuram-se como ferramentas de pensamento e criação. Ao compreender e valorizar essa dimensão, amplia-se o horizonte de reflexão sobre a linguagem como experiência estética, formativa e transformadora, abrindo caminhos para novas investigações e para a renovação do diálogo entre filosofia, literatura e educação.

REVISTA ELETRÔNICA AMPLAMENTE
v.3, n.2 abr./ jun. 2024 DOI: 10.47538/RA-2024.V3N2
ISSN: 2965-0003

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. L. T. A educação formal e as metáforas do conhecimento: a busca de transformações nas concepções e práticas pedagógicas. In: **Ciências & Cognição**, v. 6, 2005.

ARAÚJO, Inês Lacerda. Subjetividade e linguagem são mutuamente excludentes? In: **Princípios**, v. 14, n. 21, jan./jun. 2007, p. 83-103.

BITTENCOURT, Renato Nunes. A natureza da linguagem na filosofia de Nietzsche e suas convergências com o nominalismo. In: DUTRA, L. H.; MORTARI, C. A. (Orgs.).

In: **Epistemologia: Anais do IV Simpósio Internacional Principia. Parte I**.

Florianópolis: NEL/UFSC, 2005.

COSTA, Gilcilene Dias da. Por uma educação leve – ao modo de Zaratustra, o "dançarino-destruidor". In: **Revista Morpheus**, UERJ, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra, Tragédia Nietzschiana. 1997**. Editora: companhia das letras.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra.** Um livro para todos e para ninguém. Tradução e notas de Mário da Silva. 6. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

NIETZSCHE, Friedrich. **Gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral:** uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RIVERA, Silvia. Friedrich Nietzsche: metafísica, mitologia e linguagem. In: **Cadernos Nietzsche**, n. 17, 2004, p. 7-14.

Submissão: dezembro de 2023. Aceite: janeiro de 2024. Publicação: maio de 2024.